



Bichos da **ESALQ**



quais são, como vivem e como lidar com os
animais *silvestres* do campus

Silvio Marchini
Katia M.P.M.B. Ferraz



Autores

Silvio Marchini

Pós-Doutorando no Programa Interunidades em Ecologia Aplicada – ESALQ/CENA

Kátia Maria Paschoaletto Micchi de Barros Ferraz

Professora Doutora no Departamento de Ciências Florestais - ESALQ

Apoio

Programa de Apoio à Produção de Material Didático Pró-Ensino (USP)

Laboratório de Ecologia, Manejo e Conservação de Fauna Silvestre (LEMaC/ESALQ).

Departamento de Ciências Florestais (LCF/ESALQ)

Capa

‘Capivara’, de Erasmo Spadotto, como caloura da ESALQ.

Imagens

Wikipédia: capas, páginas 14, 16, 17, 18 (morcego-vampiro), 19 (mão-pelada), 20 (exceto onça-parda), 21, 22 (exceto javaporco), 23, 24 (exceto bentevizinho, suiriri e suiriri-cavaleiro), 25, 26, 27, 28 (exceto sanhaço), 29 (exceto teiús); ©Silvio Marchini: páginas 12, 18 (exceto morcego-vampiro), 19 (rastros e quatis), 28 (sanhaço) e 29 (teiús); ESALQ: páginas 6 e 7; ©Adriano Gambarini: página 20 (onça-parda), ©Luciano Monferrari: página 24 (bentevizinho); ©Katia Ferraz: página 19 (cachorro-do-mato); ©Eduardo Alexandrino: página 24 (suiriri e suiriri-cavaleiro), IBAMA/Divulgação: página 22 (javaporco); Pablo Picasso: página 13.

Diagramação

Silvio Marchini

Impressão

Serviço de Produções Gráficas – ESALQ/USP.

Tiragem

2000

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação DIVISÃO DE BIBLIOTECA - ESALQ/USP

Marchini, Silvio

Bichos da ESALQ: quais são, como vivem e como lidar com os animais silvestres no campus / Silvio Marchini e Kátia Maria Paschoaletto Michi de Barros Ferraz. -- Piracicaba: ESALQ, 2014.

39 p. : il.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-86481-29-1

1. Animais silvestres I. Ferraz, K. M. P. M. II. Título

CDD 639.9
M317b

■ APRESENTAÇÃO 4

■ INTRODUÇÃO 5

■ O CAMPUS 6

- ONDE OS BICHOS ESTÃO 6
- ENTENDENDO OS BICHOS | PESQUISA 8
- APRENDENDO SOBRE OS BICHOS | ENSINO 9
- CUIDANDO DOS BICHOS | GESTÃO 10
- CONVIVENDO COM OS BICHOS 11

■ OS BICHOS 13

- DOMÉSTICOS | SILVESTRES EXÓTICOS | SILVESTRES NATIVOS 13
- CAPIVARA | ratão-do-banhado | preá 14
 - [Cartaz sobre **FEBRE MACULOSA**] 15
- SAGUI 16
- GAMBÁ | cuíca-de-rabo-grosso 17
- MORCEGOS 18
- QUATI | mão-pelada | cachorro-do-mato 19
- ONÇA-PARDA | jaguarundi | gato-do-mato | irara | furão 20
- OURIÇO | tatú-galinha | tapiti | veado-catingueiro 21
- JAVALI | lebre européia | rato doméstico 22
- GARÇA-BRANCA | garça-branca-pequena | garça-moura | garça-vaqueira | maria-faceira 23
- BEM-TE-VI | neinei | bentevizinho | suiriri | suiriri-cavaleiro | lavadeira-mascarada | sabiá-barranco | João-de-Barro 24
- BIGUÁ | pato-do-mato | irerê | jaçanã | pé-vermelho 25
- SERIEMA | pica-pau-do-campo | quero-quero | coruja-buraqueira 26
- CARCARÁ | gavião-carrapateiro | gavião-carijó | falcão-de-coleira | sovi 27
- SANHAÇO | cambacica | saíra-amarela | tico-tico | corruíra 28
- TEIÚ | calanguiño | cágado-de-barbicha | tigre-d'água 29

■ SAIBA+ 30

REFERÊNCIAS & LINKS

■ APÊNDICE 31

LISTA DOS MAMÍFEROS, AVES, RÉPTEIS E ANFÍBIOS DO CAMPUS

AGRADECIMENTOS/CONTATO 39

APRESENTAÇÃO

Os cabouros da ESALQ, reconhecidos à distância pelo chapelão de palha na cabeça, como o usado pela Capivara¹ na capa deste livro, são velhos conhecidos do público. Já os bichos da ESALQ – os animais silvestres que existem no campus da Universidade de São Paulo em Piracicaba – são amplamente desconhecidos, não somente pela sociedade em geral, mas pela própria comunidade esalqueana.

Bichos da ESALQ revela ao público a diversa e abundante fauna silvestre do Campus “Luiz de Queiroz”. São mais de 260 espécies de mamíferos, aves, répteis e anfíbios (veja tabela abaixo), das quais a capivara, o sagui, a seriema, o cágado-de-barbicha e a onça-parda são apenas alguns dos exemplos mais emblemáticos. Com figuras e texto simples e acessível tanto aos alunos da ESALQ quanto ao público em geral, apresentamos os principais ícones da fauna silvestre do campus, com destaque para seus impactos materiais e psicológicos. Além disso, abordamos a maneira como o tema da fauna silvestre é tratado na ESALQ nos âmbitos da pesquisa, do ensino e da gestão socioambiental do campus.

Esperamos com isso reforçar o papel de liderança da ESALQ na integração entre biodiversidade e sistemas de produção, despertando e fortalecendo entre seus alunos o interesse pela pesquisa e ensino em ecologia, conservação e manejo da vida

silvestre, e mostrando aos usuários do campus – alunos, professores, funcionários e visitantes – os caminhos para conhecer, curtir e cuidar, de forma mais segura e sustentável, desse recurso natural de grande valor ecológico e sociocultural que são os bichos da ESALQ.

Diversidade da fauna silvestre no Campus “Luiz de Queiroz”

	Número de espécies*
Mamíferos	34
Aves	200
Répteis	14
Anfíbios	12

Esses números não são definitivos; próximos levantamentos devem aumentar o número de espécies registradas no campus.

¹ Saiba mais sobre a personagem Capivara na página 39.

As interações entre humanos e fauna silvestre estão se tornando mais intensas e complexas. Nunca tanta gente desejou avistar, alimentar, tocar ou de alguma forma interagir com animais silvestres. Evidência disso é o crescimento de atividades como o *birdwatching* (observação de pássaros) e o turismo de fauna silvestre, como os passeios para avistar onças-pintadas no Pantanal e nadar com botos na Amazônia. Outra evidência é o aumento na popularidade de certos animais em parques urbanos, tais como o sagui e o quati na ESALQ. Por outro lado, crescem também os problemas causados por animais silvestres. Lebres européias, javalis e maritacas causam danos às plantações, enquanto gambás e onças-pardas matam animais domésticos. Cada vez mais, animais silvestres ameaçam também quem mora na cidade. Exemplo disso é o retorno da febre maculosa, doença endêmica na região, causada pela bactéria *Rickettsia*, na qual a capivara cumpre importante papel na amplificação do carrapato-estrela, vetor da bactéria. O manejo desses problemas geralmente resulta em conflitos de interesse entre diferentes segmentos sociais. À medida que a sociedade se torna mais complexa, segmentada e participativa, os conflitos sociais envolvendo vida silvestre e outros recursos naturais deverão crescer em frequência e intensidade.

A ESALQ cumpre um papel importante na promoção de melhores relações entre gente e fauna silvestre. Seu campus reúne, mais do que qualquer outro lugar no país, fauna silvestre (ao contrário do mar de cana-de-açúcar ao redor, tem habitat em quantidade e qualidade), gente (além dos 3 mil alunos, 250 docentes e mais de 500 funcionários, é um dos parques mais frequentados pela população de Piracicaba e região), experiência na gestão interna de fauna silvestre e problemas relacionados (o **Plano Diretor Socioambiental Participativo do Campus “Luiz de Queiroz”**² é um bom exemplo disso, pioneiro e inovador), e capacidade em pesquisa, ensino e extensão. Isso confere à ESALQ uma responsabilidade especial e, ao mesmo tempo, uma oportunidade excepcional de contribuir para a conciliação de interesses acerca dos recursos naturais e para a recuperação e melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida. Ao sintetizar informação de qualidade sobre a fauna do campus – pela primeira vez em linguagem atraente aos alunos e acessível ao público em geral – a cartilha Bichos da ESALQ vem ao encontro dessa missão.

² http://www.esalq.usp.br/biblioteca/PDF/plano_diretor_socioambiental.pdf

ONDE OS BICHOS ESTÃO

O Campus “Luiz de Queiroz” tem aproximadamente 915 hectares de extensão e é um misto de agroecossistema e parque urbano, apresentando uma paisagem composta por um mosaico de áreas de cultivo, pastagens, jardins planejados, áreas pavimentadas e edificações, áreas reflorestadas, além de remanescentes florestais. A seguir, uma breve descrição dos ambientes frequentados pelos bichos no campus.



1 Gramados. Ambiente mais emblemático do parque, é o lar do quero-quero. Por serem abertos, são bons lugares para a observação dos bichos que usam as árvores do parque como poleiro ou moradia, como o bem-te-vi, o tucano e o sagui.

2 Áreas arborizadas do Parque da ESALQ. Abrigam 350 espécies de árvores nativas e exóticas. Aqui pode ser encontrada uma grande variedade de pássaros. As aves de rapina, como os gaviões e falcões, preferem repousar no topo das árvores mais altas. Os saguis preferem a copa das árvores nos bosques próximos ao Departamento de Ciências Forestais (à esquerda no mapa) e ao Prédio de Cultura e Extensão.

3 Lagos. Lugar da tartaruga-de-orelha-vermelha e das aves aquáticas, como o biguá e a garça-branca-grande. Nas margens também é vista a lavadeira-mascarada. A Lagoa de Captação, próxima ao rio Piracicaba, e o Lago Monte Olimpo, próximo ao aeroclube, são ambientes preferidos do rato-do-banhado e da capivara.

4 Rios. O rio Piracicaba, assim como dois de seus afluentes – ribeirão Piracicamirim e córrego do Monte Olimpo – passam dentro do campus, originando áreas de alagamento e açudes artificiais. O Piracicamirim tem uma queda dentro da Mata da Pedreira conhecida como Cascatinha, mas um lugar mais prático e seguro para observar seus bichos é a ponte da Alameda Principal. Apesar da baixa qualidade de sua água, o ribeirão atrai capivaras e é o lar do cágado-de-barbicha.

5 Remanescentes florestais. De todos os fragmentos remanescentes da Floresta Estacional Semidecidual que caracterizava essa região de Piracicaba, a Mata da Pedreira (à esquerda no mapa), com 14 ha, é o mais extenso do campus. Os remanescentes florestais cumprem um papel importante na manutenção da biodiversidade do campus, servindo de abrigo e local de alimentação e reprodução, principalmente para as espécies menos tolerantes aos ambientes alterados pelo homem. A onça-parda, um dos mais esquivos representantes da fauna silvestre presente no campus, certamente se beneficia dos remanescentes florestais.

6 7 8 Pastagens, áreas de cultivo e florestas plantadas de eucalipto e pinus. Essas áreas abrigam uma fauna silvestre surpreendentemente variada e abundante. A garça-vaqueira e o suiriri-cavaleiro, por exemplo, são encontrados principalmente nos pastos, junto às vacas e cavalos. As florestas plantadas têm atraído grande número de espécies de aves e podem favorecer o aumento da diversidade de espécies no campus.

O Parque da ESALQ

O Parque da ESALQ é o segundo maior em tamanho (aproximadamente 15 ha) e o mais freqüentado dentre os cinco parques mais importantes de Piracicaba. Os outros quatro parques são o Parque da Rua do Porto (25,2 ha), o Parque do Zoológico (4,8 ha), o Parque da Zona Leste (3,26 ha), e o Parque do Mirante (1,64 ha). O Parque da ESALQ tem ainda um valor histórico significativo por ser o único parque em estilo inglês de paisagismo existente no Brasil.



ENTENDENDO OS BICHOS | PESQUISA

É por meio da pesquisa científica que informação sobre fauna silvestre é gerada e organizada. Os resultados das pesquisas sobre os mamíferos, aves, répteis e anfíbios do campus estão disponíveis em 38 trabalhos, compilados no Plano Diretor Socioambiental. Para fins de manejo e conservação, a pesquisa sobre fauna silvestre tem três dimensões fundamentais: biológica, ambiental e humana. A seguir, uma breve descrição de cada uma.

Saiba no que alguns pesquisadores da ESALQ estão trabalhando:
Laboratório de Ecologia, Manejo e Conservação de Fauna Silvestres (LEMaC)
<http://lcf.esalq.usp.br/prof/katia/doku.php?id=pesquisa:pesquisa>



Dimensão biológica trata dos componentes bióticos do sistema, com ênfase na **ecologia da população** da espécie em questão (seu tamanho e distribuição, estruturas demográfica e genética, dinâmicas espacial e temporal) e **da comunidade** em que a população está inserida (suas interações com outras espécies; competição, predação, herbivoria, etc.). Observação ao longo de transectos, parcelas de areia para identificação de rastros e uso de armadilhas convencionais e fotográficas e de colares com GPS são alguns dos métodos empregados.

Dimensão ambiental integra a dimensão biológica com os componentes abióticos (físicos) do sistema, tais como altitude, uso do solo e hidrologia. Vem ganhando importância devido à tendência em conservação de enfatizar a escala da paisagem e aos avanços nas **tecnologias de informação geográfica e de processamento de dados**. A modelagem espacial que estima a adequabilidade do habitat a partir de variáveis bióticas (ex. cobertura vegetal) e abióticas é um exemplo.

Dimensão humana adiciona às dimensões biológica e ambiental o elemento humano. Usa teorias e métodos das ciências sociais – **psicologia, sociologia, economia, educação e comunicação** – para entender, explicar, prever e influenciar os pensamentos e comportamentos humanos relevantes na relação entre humanos, fauna silvestre e seu habitat. É um campo emergente que se alinha com as tendências de interdisciplinaridade nas ciências e de inclusão social na gestão de recursos naturais.

APRENDENDO SOBRE OS BICHOS | ENSINO

Informações sobre animais silvestres estão disponíveis em um número crescente de fontes, com destaque para a televisão e a internet. Porém, a base ampla, sólida e multidisciplinar de conhecimento necessária para atuar efetivamente no campo da ecologia, conservação e manejo da vida silvestre, tanto no setor acadêmico-científico, quanto no privado, não-governamental e governamental, é adquirida na universidade.

A ESALQ foi uma das primeiras instituições de ensino superior no Brasil a ensinar zoologia (já fazia isso em 1901!) e hoje oferece aos seus alunos de graduação e pós-graduação inúmeras oportunidades de aprender – em sala de aula e no campo – sobre fauna silvestre. A tabela abaixo mostra disciplinas de graduação que tratam exclusivamente de animais.

Disciplina	Obrigatória/Optativa
Zoologia de Vertebrados I e II	Obrigatória (Ciências Biológicas)
Zoologia Geral e Parasitologia	Obrigatória (Engenharia Agrônômica e Engenharia Florestal)
Zoologia e Ambiente	Obrigatória (Gestão Ambiental)
Ecologia e Manejo de Vertebrados	Obrigatória (Ciências Biológicas)
Conservação e Manejo de Fauna Silvestre	Optativa
Mamíferos: Origem, Evolução e Biogeografia	Optativa
Herpetologia Comparada	Optativa
Comportamento Animal	Optativa

Para alunos de pós-graduação, as oportunidades concentram-se no **Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ecologia Aplicada (ESALQ/CENA)** e no **Programa de Pós-Graduação em Recursos Florestais**, ambos com mestrado e doutorado. O Laboratório de Ecologia, Manejo e Conservação de Fauna Silvestre, o **LEMaC Fauna Silvestre**, abrigado no Departamento de Ciências Florestais, está vinculado aos dois programas, e seus projetos abordam, entre outros temas, a fauna do campus “Luiz de Queiroz”, com destaque para os estudos sobre capivaras, saguis e aves.

CUIDANDO DOS BICHOS | GESTÃO

A ESALQ tem uma política oficial acerca dos bichos do campus. Os detalhes estão descritos no Plano Diretor Socioambiental Participativo do Campus “Luiz de Queiroz” (PDS). O PDS trata da fauna juntamente com outros temas de relevância: Resíduos, Solo, Água, Emissão de Gases, Normatização e Certificação Ambiental, e Percepção e Educação Ambiental. Abaixo estão as diretrizes do PDS definidas pelo **Grupo de Trabalho (GT) Fauna** da ESALQ:

- **Levantamento e Monitoramento da Fauna Silvestre**, para identificar as espécies de vertebrados e monitorar suas populações, com vistas a identificar alterações que possam resultar de interferências humanas.

- **Diagnóstico e Monitoramento da Fauna Exótica**, para ampliar a base de informação que fundamenta as tomadas de decisão de manejo.

- **Manejo de Controle Reprodutivo da Capivara e Monitoramento de sua População**, visando diminuir a densidade e taxa de crescimento populacional de capivaras para níveis controlados.

- **Diagnóstico e Monitoramento da População de Carrapato-Estrela**, visando identificar áreas de infestação de carrapatos e a ocorrência de infecção nos animais sentinelas, fornecendo subsídio para decisões de manejo e de controle da febre maculosa.

- **Dimensões Humanas da Gestão de Conflitos com Fauna**, para caracterizar a percepção dos impactos causados pela fauna, examinar os fatores que determinam tal percepção nos diferentes segmentos sociais que utilizam o campus (ex. alunos, funcionários, visitantes), com foco nos conflitos de interesse entre eles, e elaborar estratégia de comunicação, envolvimento e incentivos para mitigar impactos da fauna e conflitos sociais.

Gestão, Manejo ou Conservação da Vida Silvestre?

Conservação é a prática de proteger espécies ameaçadas e seus habitats.

Manejo é mais amplo, buscando o balanço entre as necessidades dos animais e das pessoas. Pode ter como objetivo: 1. aumentar a população, como em Conservação, 2. diminuir a população, como no controle de pragas, 3. explorar de forma sustentável, como na pesca comercial, e 4. manter do jeito que está.

Gestão, termo menos usado, é ainda mais amplo e se refere ao conjunto de ações em relação à fauna, seja para fins de conservação ou de utilização.

CONVIVENDO COM OS BICHOS

As interações entre humanos e fauna silvestre podem gerar impactos - negativos e positivos - para ambos os lados. Nossa coexistência com os animais depende da gestão desses impactos, para aumentar os impactos positivos e, principalmente, minimizar os negativos. No campus, além da contribuição da pesquisa, do ensino e da gestão socioambiental, a convivência com a fauna silvestre depende também da colaboração individual de cada usuário do campus. Um passo fundamental nessa direção é conhecer os impactos. Abaixo, uma breve descrição dos **impactos da fauna silvestre sobre as pessoas.**

Impactos negativos



Danos materiais que resultam em prejuízo econômico. Exemplo: danos na fiação elétrica causados por maritacas e em carros resultantes da colisão com capivaras.



Danos a animais domésticos por meio da predação e transmissão de doenças. Exemplo: galinhas mortas por gambás e ovelhas mortas por onças pardas.



Danos às plantas em jardins, parques e plantações, por herbivoria ou pisoteamento. Exemplo: lavouras de milho atacadas por javalis.



Danos à saúde e integridade física das pessoas. Exemplo: capivaras são hospedeiras de carrapatos que transmitem febre maculosa.



Diminuição na qualidade de vida devido à aversão, medo, nojo, desprazer. Exemplo: muitas pessoas se sentem incomodadas na presenças de sapos, lagartixas, mariposas ou morcegos.

Impactos positivos



Uso direto, para geração de renda ou consumo próprio. Exemplo: pesca de subsistência, comercial e esportiva, turismo de observação de pássaros.



Controle de pragas, por meio da predação e resultante controle do tamanho da população de pragas. Exemplo: morcegos insetívoros controlam mosquitos, seriema afasta as serpentes.



Outros serviços ambientais, tais como dispersão de sementes, polinização e decomposição. Exemplos: morcegos frugívoros dispersam sementes e vespas polinizam as figueiras.



Valor científico e educacional, cumprindo papel importante na pesquisa ou educação. Exemplo: a observação da fauna do campus pode ser uma experiência educativa, especialmente para crianças.



Aumento na qualidade de vida devido ao entretenimento, prazer, satisfação. Exemplo: segmentos crescentes da sociedade gostam da presença de pássaros no jardim, da interação com saguis em parques ou simplesmente de saber que a floresta mais próxima abriga preguiças e onças.

Estudos sobre as interações entre gente e fauna silvestre em parques urbanos realizados mundo afora identificaram os seguintes **impactos das pessoas sobre a fauna silvestre**:

Impactos positivos

- **Criação, aumento, restauração e conservação de habitat**, por exemplo, a construção e manutenção de lagos, como os do campus da ESALQ, acaba proporcionando condições favoráveis para aves aquáticas; **Aumento na disponibilidade de alimento**, como é o caso das aves que se beneficiam de pomares e das capivaras que se beneficiam das plantações de milho do campus.

Impactos negativos

- **Soltura de animais exóticos**, que acabam competindo, predando ou transmitindo doenças para a fauna silvestre, como é o caso dos cães e gatos abandonados no campus; **Alimentação inadequada**, como acontece no campus com os patos, quatis e saguis, que são ocasionalmente alimentados por alunos, funcionários e visitantes; **Ataques, assédio e transmissão de doenças** de humanos e animais de estimação sobre os animais silvestres; **Colisão com veículos**, principalmente por carros e motos em alta velocidade.

REGRAS DE CONVIVÊNCIA COM OS BICHOS

Os impactos negativos descritos acima podem ser minimizados se cada um cumprir as seguintes recomendações:



Não alimente animais no campus



Não abandone gatos e cães no campus



Não toque ou perturbe os animais e seus ninhos



Não colete frutas e flores



Mantenha seu cão na coleira



Recolha as fezes de seu cão



Jogue o lixo na lixeira



Informe-se



Respeite a sinalização

DOMÉSTICOS | SILVESTRES | EXÓTICOS | NATIVOS

Os bichos da ESALQ podem ser classificados em três grupos principais: domésticos, silvestres exóticos e silvestres nativos. A seguir, uma breve descrição de cada grupo.

Animais domésticos. São aqueles criados pelo homem para uma certa finalidade. Sua reprodução é controlada e, ao longo de muitas gerações, características desejadas foram reforçadas, melhoradas e, muitas vezes, totalmente modificadas por meio de cruzamentos seletivos. Vacas, cavalos, porcos e gansos são exemplos de animais domésticos mantidos no campus.

Animais silvestres. São aqueles que não foram deliberadamente modificados pelo homem. Podem até dividir o espaço conosco, mas não dependem de nós para sobreviver. Quando trazidos de outras regiões, seja de dentro ou fora do Brasil, são chamados de **exóticos**. Exemplos de silvestres exóticos encontrados no campus são o sagui, originário do Brasil central e do Nordeste, e a lebre européia. Animais silvestres cuja área de ocorrência original incluía nossa região são chamados de **nativos**. Exemplos de animais silvestres nativos são a capivara, o tatuí, o cachorro-do-mato, a seriema e o teiú.

As próximas páginas abordam alguns dos **animais silvestres exóticos e nativos** mais emblemáticos do Campus “Luiz de Queiroz”, com destaque para seus **principais impactos negativos e positivos**, segundo a percepção do público.

Domésticos porém errantes

Gatos e cães abandonados têm sido um problema no campus. Esses animais podem estar associados a **zoonoses** (doenças que são transmitidas de animais para humanos ou de humanos para animais) e **epizootias** (doenças que afetam ao mesmo tempo e no mesmo lugar um grande número de animais), além de predarem espécies silvestres (*como ilustra a pintura de Pablo Picasso, de 1939*)



Faça sua parte:



CAPIVARA

Hydrochoerus hydrochaeris

Maior roedor do mundo, pode pesar até 80 kg, sendo as fêmeas um pouco maiores do que os machos. Alimenta-se de gramíneas e vive em bandos sempre próximo a rios e lagos. A fêmea é capaz de dar até duas crias por ano, com média de



quatro filhotes em cada. No campus é encontrada principalmente às margens do rio Piracicaba, dos ribeirões Piracicamirim e Monte Olimpo, e das lagoas de Captação e do Monte Olimpo.



Podem provocar prejuízo material e ameaçar a integridade física das pessoas ao se exporem à colisão com veículos. Podem causar danos a plantações, especialmente de cana e milho. É hospedeiro amplificador da bactéria causadora da febre maculosa (Mais detalhes na página seguinte e no livro **Febre maculosa: dinâmica da doença, hospedeiros e vetores**)



Por suas características físicas, tamanho e hábito gregário, é carismática e sua presença é apreciada pelo público. Popularidade e facilidade de avistamento conferem potencial para educação ambiental e pesquisas em dimensões humanas.

Bichos parecidos no campus

Avistados com menor frequência, o **ratão-do-banhado** também gosta de água, mas é bem menor, pesando no máximo 9 kg, e a **preá** pesa até 1 kg, em seus 25 centímetros de comprimento.



Febre Maculosa???

O que é ?

É uma doença febril aguda, causada por uma bactéria transmitida às pessoas através do carrapato *Amblyomma cajennense*, também conhecido como: "carrapato estrela", "carrapato de cavalo", "rodoleiro". O micuim (larva do carrapato estrela) também pode transmitir a doença.

Como pegamos ?

Através do carrapato infectado pela bactéria *Rickettsia* encontrada no sangue dos animais, como: capivara, cavalos, bois, cães, aves, coelhos, etc.

Para ocorrer a transmissão é preciso que o carrapato fique aderido a pele, ou seja, fique "picando" por algum tempo de 4 a 6 horas.

Cuidado:

também pegamos a doença através de machucados na pele ao esmagarmos o carrapato.

O que sentimos ?

Após 2 a 14 dias da picada do carrapato infectado (em média 7 dias) sentimos:

Febre, dor de cabeça, dores no corpo, manchas avermelhadas, olhos irritados.

Ao 3ª ou 4ª dia pode ocorrer:

- Pele avermelhada (máculas) em torno do punho e tornozelo, passando para o tronco, rosto, pescoço, palmas e solas.

Como evitamos a Febre Maculosa ?

- Não caminhe em locais infestados por carrapatos. Evite lugares de pastagem de animais, como: cavalos, bois, cabras, etc.
- Evite caminhar nas margens de rios habitadas por capivaras.
- Não esmague os carrapatos com as unhas pois com isso poderá liberar bactérias.
- Se for preciso adentrar as áreas infestadas: use roupas claras, para facilitar a visualização dos carrapatos e, calças compridas com parte inferior por dentro das botas.
- Apare o gramado o mais rente ao solo.
- Cuide dos animais domésticos (cães, gatos, etc) dando-lhes banhos e se preciso use carrapaticidas. Consulte um veterinário.

Realize o auto exame de seu corpo a cada 3 horas, caso encontre algum carrapato, não o esmague, retire-o calmamente torcendo até se desprender da pele com o uso de pinça.

Caso Suspeito

Tendo freqüentado locais infestados por carrapatos e estiver sentindo dores de cabeça, dores no corpo e febre moderada ou alta, procure uma Unidade de Saúde. Não se esqueça de relatar ao médico que teve contato com carrapatos.

Tratamento

Necessita de cuidados médicos pois requer o uso de antibióticos.

Se não tratada poderá levar à morte

Apoio:



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA



ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"



SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA

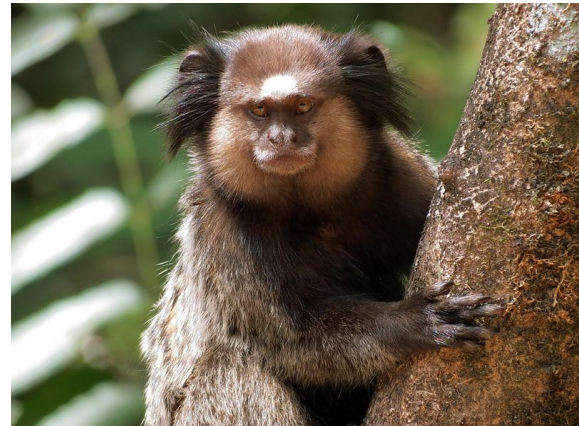



PREFEITURA DO CAMPUS USP "LUIZ DE QUEIROZ"



SAGUI

Callithrix penicillata

Chamado também de sagui-de-tufo-preto e mico-estrela. É social e vive em grupos de 2 a 15 indivíduos. Vive na copa das árvores, onde defende seu território. Sua vocalização – um assobio agudo – costuma ser confundida com o som de pássaros. Sua alimentação é generalista e inclui folhas, frutos, brotos, ovos e pequenos animais. É originário da caatinga e do cerrado do Nordeste e do Brasil central. Altamente adaptável, habita áreas de floresta secundária ou perturbadas pelo homem. Atualmente, existem inúmeras populações em regiões fora de sua distribuição geográfica nativa, devido a introduções feitas pelo homem. Esse é o caso dos saguis da ESALQ.



 Embora não haja registro de incidentes no campus, o hábito de se aproximar, tocar e alimentar os saguis pode representar risco de contração de doenças, em particular a raiva, que é transmitida por meio da mordida.

  Como todo primata, desperta a atenção e interesse, sendo querido por grande parte dos usuários do campus. Pelo carisma e facilidade de observação, pode contribuir para educação ambiental, especialmente de crianças.

Sagui-problema: invasão

O sagui é uma espécie potencialmente invasora e pode causar impactos indesejáveis à biodiversidade por meio da competição com espécies nativas e da **predação de ninhos de aves**. No campus foi feito o primeiro registro de saguis se alimentando de filhotes de passarinho no ninho (veja referência em Saiba+)



Homem-problema: aproximação

Por mais irresistível que possa parecer, a interação direta com os saguis pode gerar problemas, tais como a transmissão de doenças das pessoas para os saguis e vice-versa, e maior exposição dos saguis ao atropelamento. Além disso, a **alimentação deliberada os saguis pelos humanos** pode favorecer o estabelecimento dessa espécie invasora, já que causa aumento da densidade populacional e pode assim causar aumento da taxa de reprodução. Portanto:



GAMBÁ

Didelphis albiventris

Especificamente conhecido como gambá-de-orelha-branca, embora muita gente na região o chame de raposinha. Apesar de comum, é pouco conhecido pelo público (em parte por seu hábito estritamente noturno), sendo frequentemente **confundido com ratazana**, o que acaba resultando em **perseguição injusta e desnecessária**. O gambá é marsupial, portanto um parente mais próximo do canguru do que dos ratos e raposas. O nome gambá tem origem na língua tupi-guarani, na qual *gã'ba* ou *guaambá* significa "mama oca", uma referência ao marsúpio, a bolsa ventral onde se encontram as mamas e onde os filhotes vivem durante parte de seu desenvolvimento. Adapta-se bem ao ambiente urbano, onde encontra alimentação farta e variada nos quintais e cestos de lixo desprotegidos. Como todo gambá, emite líquido fétido das glândulas axilares, que utiliza como defesa e na fase do cio, para chamar o parceiro, e pode se fingir de morto quando ameaçado.



17



De alimentação generalista e oportunista, pode causar prejuízo em galinheiros, alimentando-se de galinhas e ovos. Pela aparência, pela inclinação a explorar quintais e telhados (o que pode resultar em barulho e mal cheiro), ou simplesmente pela má reputação, desperta raiva, nojo e aversão em parte do público [**Barreiras físicas, luz e ruído** podem ser usados para prevenir incômodos com gambás].

Outro marsupial do campus



Cuíca-de-cauda-grossa

MORCEGOS

Morcegos representam um quarto de todas as espécies de mamíferos do mundo; no campus, são os mamíferos mais diversos, com onze espécies. Pouco conhecidos pelo público, são geralmente confundidos com pássaros em voo ao entardecer e sua vocalização, ouvida ao longo da noite, é confundida com o som de grilos. A maioria das espécies possui a extraordinária capacidade da ecolocalização - orientação por ecos - que utiliza para orientação em voo, comunicação e busca de alimento. Têm a dieta mais variada entre os mamíferos, podendo comer frutos, sementes, folhas, néctar, pólen, artrópodes, pequenos vertebrados, peixes e sangue. Das 11 espécies do campus, apenas uma, o morcego vampiro, se alimenta de sangue.



O principal transmissor de raiva para animais domésticos e humanos é o morcego vampiro, porém outros morcegos também podem se contaminar e transmitir a doença. Suas fezes podem conter os fungos causadores da histoplasmose. Culturalmente está associado a lendas e mitos que contribuem para sua **reputação exageradamente ruim**. Morcegos em voo não atacam pessoas! Deve-se evitar manipulá-los ou tê-los no lugar onde se vive, mas não se deve persegui-los, pelas razões abaixo.



Morcegos contribuem substancialmente para a estrutura e dinâmica dos ecossistemas, pois atuam como polinizadores, dispersores de sementes e predadores de insetos, incluindo pragas agrícolas. As fezes constituem excelente adubo natural (guano). São largamente empregados em pesquisas científicas, desde medicamentos (ex. anticoagulantes) até aperfeiçoamento de aparelhos de sonar e ultra-som.

Exemplos de morcegos do campus

Morcego-de-cauda-livre, insetívoro visto voando ao entardecer, com céu ainda claro, e morcego-vampiro.



QUATI

Nasua nasua

Identificado à distância pela cauda grossa e listrada, locomove-se pelas árvores tão bem quanto no solo, usando a cauda para se equilibrar. Abriga-se em ocos e galhos de árvores, sob raízes e em tocas subterrâneas. Quando ameaçado, procura refúgio em



árvores altas. Tem hábitos diurnos, mas os machos adultos podem ser ativos também à noite. Anda solitário ou em grupos de até 18 indivíduos. Eventualmente se reúne em grupos bem maiores. Os machos velhos têm o hábito de andarem sozinhos e são chamados de “quatis mundéus”. Alimenta-se de minhocas, insetos e frutas. Aprecia também ovos, legumes e especialmente lagartos. Com o focinho, que é bastante móvel, revolve folhas, pedras e tocos no chão para achar alimento. Percorrem em torno de 1,5 a 2 km diariamente a procura de alimento.



Em propriedades rurais, pode atacar galinheiros e milharais. Em parques, como a ESALQ, o hábito de se aproximar, tocar e alimentar os quatis pode representar risco de contração de doenças, em particular a raiva, que é transmitida por meio da mordida. Portanto, **não os alimente!**



Como é comum para um carnívoro, o quati é carismático, desperta o interesse e a atenção, e é querido por parte do público.

Não confunda com..

Mão-pelada, solitário de hábito noturno e pegada muito característica, e cachorro-do-mato.



ONÇA-PARDA

Puma concolor

Também conhecida na região como suçuarana, é o segundo maior felino das Américas (o maior é a onça-pintada). Machos pesam 62 quilos em média e fêmeas 42. Tem a maior área de distribuição entre todos os grandes mamíferos terrestres do hemisfério ocidental, sendo encontrada do Canadá à Patagônia. Adaptável e generalista, está presente em todo o Brasil, ocupando habitats variados, incluindo a interface urbano-rural. Mas é pouco vista, por ser esquiva e ter hábitos noturnos. Sua dieta inclui pequenos roedores, aves e répteis até mamíferos de grande porte, como capivaras e veados. Cobre a carcaça de sua presa e volta para se alimentar dela de tempos em tempos. O primeiro registro de sua presença no campus é recente e foi confirmado por meio de armadilha fotográfica.



20



Podem matar animais domésticos quando as presas naturais são escassas. Preferem cabras, ovelhas e porcos. Podem matar várias ovelhas em um único ataque. **Rebanhos mantidos em currais à noite correm risco menor.** Na América do Norte existem vários casos de ataques fatais sobre humanos. No Brasil só existe um caso confirmado. Tímidas, preferem evitar contato com humanos. Mesmo assim, despertam medo e raiva.



Como todo predador de grande porte e topo de cadeia alimentar, exerce papel importante na manutenção do ecossistema por meio do controle populacional de suas presas. Como todo felino, é admirado por suas características físicas e comportamentais, e sua existência é apreciada por parte do público.

Outros carnívoros presentes no campus

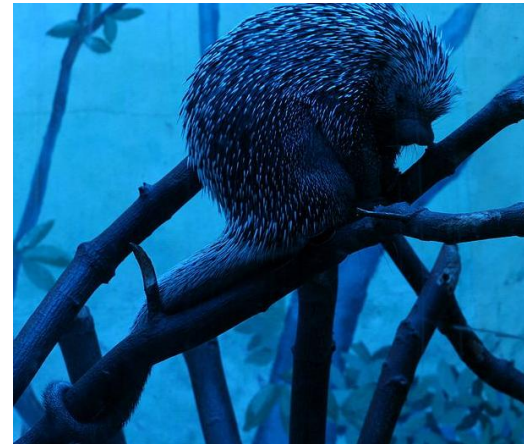
jaguarundi ou gato-mourisco, gato-do-mato, irara e furão



OURIÇO

Coendou prehensilis

Chamado também de ouriço-cacheiro. Coberto de espinhos (na verdade, pêlos modificados), é um bicho manso, de movimentos lentos, que vive sobre as árvores. Tem focinho curto e achatado, cauda prênscil forte e membros munidos de quatro dedos com unhas curvas. Possui hábito noturno ou crepuscular. Alimentam-se de frutas, como goiaba e banana, que vai buscar nas árvores pelas quais escala com muita facilidade e segurança valendo-se de sua cauda prênscil. As crias são em número de um ou dois, que a fêmea tem escondida em ocos de árvores velhas.



Em áreas rurais é uma ameaça aos cães, que o perseguem e inadvertidamente os mordem, enchendo-se de espinhos na boca, cabeça e patas. O tratamento consiste em aplicar tranqüilizante seguido de anestésico, para que se possa realizar a retirada dos espinhos um a um, que na maioria das vezes não são poucos, podendo chegar a mais de 200. A retirada é feita com o auxílio de uma pinça forte, visto que os espinhos penetram profundamente no animal. **Ouriços não atiram espinhos** e acidentes com humanos são raros.

21

Outros mamíferos nativos encontrados no campus

Tatu-galinha

De hábitos noturnos, vive geralmente solitário, alimentando-se de invertebrados, pequenos vertebrados, ovos, fungos, frutos, raízes e tubérculos.



Tapiti

Bem menor que a lebre-europeia, tem orelhas pequenas, estreitas e cauda muito reduzida. De hábitos noturno, durante o dia, esconde-se em tocas.



Veado-catingueiro

Os chifres não são ramificados, têm entre 6 e 12 cm de comprimento e são observados entre maio e julho. Geralmente diurno e solitário.



JAVAPORCO

Sus scrofa

Híbrido resultante do cruzamento entre porco doméstico e javali. O javali, originário da Europa, Ásia e norte da África, foi introduzido em diversas regiões do mundo como animal de criação para consumo. O javaporco tem coloração variada e pode pesar até 250 quilos. Sua agressividade e facilidade de adaptação, combinadas com a ausência de predadores, levam o javaporco a figurar na lista das cem piores espécies exóticas invasoras do mundo, conforme a UICN. Registros de sua presença no campus são escassos.



Provoca impactos ambientais, como a diminuição e morte de diversas espécies nativas da flora e risco à fauna, pois é predador de ovos e filhotes de outras espécies; transmite doenças para os animais nativos; acelera o processo de erosão e o aumento do assoreamento dos rios. Pode causar impactos sociais e econômicos por meio do ataque a seres humanos e a animais domésticos e da destruição de plantações em áreas agrícolas, além da transmissão de doenças para pessoas e para animais de criação. **Sua captura e abate, dentro de normas específicas, estão liberados desde 2013³ como medida de controle.**

Outros bichos exóticos e invasores encontrados no campus

Lebre européia e rato doméstico



³ http://www.ibama.gov.br/phocadownload/fauna_silvestre_2/legislacao_fauna/2013_ibama_in_003-2013_manejo_javali.pdf

GARÇA-BRANCA

Ardea alba

Comum à beira dos lagos, rios e banhados, pode ser confundida com a garça-branca-pequena. Alimenta-se principalmente de peixes, mas pode comer quase tudo que couber em seu bico, de pequenos roedores, anfíbios, répteis e insetos até lixo. Na época da reprodução, os indivíduos de ambos os sexos apresentam longas penas no dorso chamadas egretas. Estas egretas foram por muito tempo moda como adorno de chapéus e roupas na Europa e a demanda pelas penas levou centenas de milhares de garças à morte justamente em seu período reprodutivo. Constrói o ninho, grande e feito de gravetos, em ninhais que podem ter milhares de indivíduos e ser compartilhado com outras espécies de aves aquáticas.

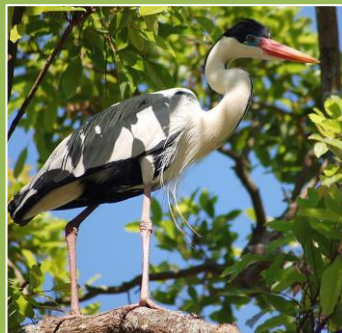


Pelo porte, elegância do voo, e por ajudar a compor o visual já admirado das beiras de lagos e rios, a garça-branca-grande, juntamente com as demais garças, é apreciada pelo público.

23

Outras garças do campus

Garça-branca-pequena, com pés amarelos, **garça-moura**, **garça-vaqueira**, exótica associada ao gado, frequenta os pastos e não os lagos, e **maria-faceira**, também vista nos gramados longe dos lagos.



BEM-TE-VI

Pitangus sulphuratus

O seu canto trissilábico característico lembra as sílabas bem...te...vi, que dão o nome à espécie. É um dos primeiros a cantar ao amanhecer. Visto geralmente sozinho, eventualmente se reúne em grupos de três ou quatro, geralmente pousados em antenas de televisão. Pousar também em postes e topos de árvores. Agressivo, ameaça até aves de maior porte que se aproximem de seu território. Insetívoro, pode devorar centenas de insetos diariamente. Também come frutas - como banana, mamão, laranja -, ovos de outros pássaros, flores de jardins, minhocas, pequenas cobras, lagartos, crustáceos, além de peixes e girinos de rios e lagos de pouca profundidade e até mesmo pequenos roedores. Apesar de ser mais comum vê-lo capturar insetos pousados em ramos, também é comum capturá-los durante o voo.



24



Seu canto, um dos mais conhecidos e populares cantos de pássaros na América Latina, tem papel expressivo no folclore e na cultura, conferindo ao bem-te-vi um valor afetivo excepcional.

Parecidos na cor ou feição ou tamanho ou vocalização...

neinei, bentevizinho, suiriri e suiriri-cavaleiro,
lavadeira-mascarada, sabiá-barranco e joão-de-barro



BIGUÁ

Phalacrocorax brasilianus

Aquático, vive em lagos, grandes rios e estuários. Alimenta-se de peixes e crustáceos. Para capturar sua presa, mergulha a partir da superfície da água e, submerso, persegue-a. Os pés e o bico possuem função primordial na perseguição e captura. Um exímio mergulhador, permanece um bom tempo debaixo d'água, indo aparecer de novo longe de onde mergulhou, mostrando apenas o pescoço para fora d'água. Para facilitar seus mergulhos, suas penas ficam completamente encharcadas, eliminando o ar que fica entre as penas e dificulta os mergulhos. Para secá-las é comum vê-los pousados com as asas abertas ao vento. Quase sempre visto em grandes bandos voando próximo d'água, em formação em "V". Quando voa se assemelha a patos, com os quais pode ser confundidos.



Suas fezes ácidas podem danificar árvores.



Adubam a água, favorecendo a manutenção das populações de peixes, e assim atraindo outras aves para se alimentar. Como outras aves aquáticas, compõe o visual apreciado de lagos em parques.

Outras aves aquáticas do campus

pato-do-mato, irerê, jaçanã, marreca-pé-vermelho



SERIEMA

Cariama cristata

Seu canto é marcante, podendo ser ouvido a mais de 1 quilômetro. Seus gritos, seja de uma ave solitária, seja de um casal em dueto, são altos e longos. Parecem longas risadas, as quais vão acelerando-se e aumentando de tom à medida que a ave repete o canto. Pode permanecer gritando por vários minutos a fio. Alimenta-se de insetos, lagartos e pequenas cobras. Anda pelo chão, aos pares ou em pequenos bandos. Mata as presas com o bico, uma vez que os dedos são relativamente pequenos e sem garras. Uma presa maior é desmembrada, pisando sobre ela e retirando pedaços com o bico poderoso. Se perseguida, foge correndo, deixando para voar somente se muito pressionada, chegando a atingir velocidades superiores a 50 km/h antes de levantar voo. Cansada, voa pequenos trechos antes de pousar e voltar a correr. De hábitos terrestres, empoleira-se no alto de árvores para dormir.



Graças ao hábito de comer cobras, é protegida pelos fazendeiros e sitiantes. Pode ficar acostumada à presença humana e frequentar os jardins das casas.

Outros frequentadores dos gramados da ESALQ

pica-pau-do-campo, quero-quero, coruja-buraqueira



CARCARÁ

Caracara plancus

Deve seu nome à vocalização que emite. Não é um predador especializado, e sim um generalista e oportunista. Onívoro, alimenta-se de quase tudo o que acha, de animais vivos ou mortos até lixo, tanto nas áreas rurais quanto urbanas: caça lagartos,



cobras, sapinhos e caramujos, e rouba filhotes de outras aves, até de espécies grandes como garças, colhereiro e tuiuiú. Segue tratores que estão arando os campos, em busca de minhocas. É muito comum ser avistado ao longo das rodovias para alimentar-se dos animais atropelados. Chega a reunir-se a outros caracarás para matar uma presa maior. É também uma ave comedora de carniça e é comumente visto voando ou pousado junto a urubus pacificamente, principalmente ao longo de rodovias ou nas proximidades de aterros sanitários e locais de depósito de lixo.



Ataca animais domésticos, principalmente os filhotes, e arranha o solo com os pés em busca de amendoim e feijão.



Juntamente com outras aves de rapina, contribui no controle da população de roedores. Presta ainda o serviço de limpeza ao se alimentar de carniça.

Outras aves de rapina avistadas no campus

gavião-carrapateiro, gavião-carijó, falcão-de-coleira, sovi



SANHAÇO

Tangara sayaca

Conhecido mais especificamente como sanhaço-cinza ou sanhaço-do-mamoeiro. É uma das aves mais comuns do país, reconhecida pela beleza da cor e vocalização característica. Vive normalmente na copa das árvores em busca dos frutos maduros, mas apanha também os caídos, preferindo até os que já estejam infestados de larvas. Costuma frequentar comedouros com frutas e é visto alimentando-se com outras aves, como a saíra-amarela e o sanhaço-do-coqueiro. Come frutos, folhas, brotos, flores de eucalipto e insetos, entre estes os alados de cupim, capturados em voo. O ninho, construído pelo casal, é compacto, feito de pequenas raízes, musgos e pecíolos foliares, e fica escondido na vegetação densa, numa forquilha de árvore, em alturas variáveis. Os ovos são de cor branca, pintados de marrom, semelhantes aos dos sabiás, só que menores. Macho e fêmea alimentam os filhotes, que deixam o ninho após 20 dias de idade.



Em conjunto com outros passarinhos e aves de maior porte, constitui em recurso cada vez mais valorizado pela sociedade em geral e, especificamente, pelos *birdwatchers*, ou observadores de pássaros. O campus “Luiz de Queiroz” é um dos principais destinos dos *birdwatchers* em Piracicaba. O **uso de binóculos** aumenta significativamente a qualidade dessa atividade. Para uma descrição detalhada da avifauna do campus, veja **Aves do campus “Luiz de Queiroz”** (referência em Saiba+).

Outros passarinhos do campus

cambacida, saíra-amarela, tico-tico, corruíra



TEIÚ

Salvator merianae

É o lagarto mais comum no Brasil. Habita áreas abertas de cerrado, mas pode ser observado em bordas de matas-de-galeria e dentro de matas mais abertas. Adapta-se bem ao ambiente modificado pelo homem, como



parques e chácaras. Mede em média um metro de comprimento, mas pode atingir até 2 metros. Suas mandíbulas são fortes e providas de um grande número de pequenos dentes pontiagudos. Língua cor-de-rosa, comprida e bífida. Os filhotes são esverdeados, coloração que vai desaparecendo com o desenvolvimento dos animais. Diurno, vive no chão, próximo a capins baixos e pedras, onde toma banho de sol. Predador oportunista e generalista, pode consumir vegetais, artrópodes, outros vertebrados e carniça. Habitua-se à presença das pessoas, deixando que se aproximem. É o caso de alguns teiús do campus.



Conhecido por atacar galinheiros, é na natureza que causa maior impacto: em Fernando de Noronha, por exemplo, foi introduzido e se tornou praga, alimentando-se de ovos e filhotes de aves e tartarugas. Conhecido também pela agressividade, se molestado, primeiro tenta fugir, mas, sendo impossível, defende-se desferindo golpes violentos com a cauda.

Outros répteis facilmente vistos no campus

Calango, cágado-de-barbicha e tigre d'água.



REFERÊNCIAS

- Alexandrino, E.R., Bovo, A.A.A., Luz, D.T.A., Costa, J.C., Betini, G.S., Ferraz, K.M.P.M.B., Couto, H.T.Z. 2013. Aves do Campus “Luiz de Queiroz” (Piracicaba, SP) da Universidade de São Paulo: mais de 10 anos de observações neste ambiente antrópico. *Atualidades Ornitológicas* (Online), Ivaiporã, 173: 40-52.
- Alexandrino, E.R., Luz, D. A. T, Maggiorini, E.V., Ferraz, K. M. P. M. B. 2012. Nest stolen: the first observation of nest predation by an invasive exotic marmoset (*Callithrix penicillata*) in an agricultural mosaic. *Biota Neotropica* (Edição em Português. Online) 12: 211-215.
- Bovo, A.A.A., Alexandrino, E.R., Betini, G.S, COSTA, J.C., Luz, D.T.A., Ferraz, K.M.P.M.B. Livro - Aves do campus “Luiz de Queiroz”. Em produção.
- Campos, C.B. 2004. Impacto de cães (*Canis familiaris*) e gatos (*Felis catus*) errantes sobre a fauna silvestre em ambiente peri-urbano. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Agroecossistemas) - Escola Superior de Agricultura ‘Luiz de Queiroz’, Universidade de São Paulo, Piracicaba.
- Gheller-Costa, C., Verdade, L.M., Almeida, A.F. 2002. Mamíferos não-voadores do campus "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* 19(2): 203-214.
- Meira, A.M., Cooper, M., Ferraz, K.M.P.M.B., Monti, J.A., Caraméz, R.B., Delitti, W.B.C. (org.). 2013. Febre maculosa: dinâmica da doença, hospedeiros e vetores. Escola Superior de Agricultura ‘Luiz de Queiroz’, Universidade de São Paulo, Piracicaba.
- Veirano, F.G. 2012. Estudo do *Callithrix penicillata* no campus Luiz de Queiroz. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Gestão Ambiental) - Escola Superior de Agricultura ‘Luiz de Queiroz’, Universidade de São Paulo, Piracicaba.



LINKS

Laboratório de Ecologia, Manejo e Conservação de Fauna Silvestre (LEMaC Fauna Silvestre):

<http://lcf.esalq.usp.br/prof/katia/doku.php>

Plano Diretor Socioambiental Participativo do Campus “Luiz de Queiroz”

http://www.esalq.usp.br/biblioteca/PDF/plano_diretor_socioambiental.pdf

Fauna Urbana (Volumes 1e 2) – Cadernos de Educação Ambiental

<http://www.ambiente.sp.gov.br/publicacoes/category/cadernos-de-educacao-ambiental/page/2/>

Wikiaves

<http://www.wikiaves.com.br>

Herpeto.org

<http://herpeto.org/>

Espécies de mamíferos, aves, répteis e anfíbios registradas no campus.

Mamíferos

Ordem	Nome científico (por família)	Nome popular
Didelphimorphia	Didelphidae	
	<i>Didelphis albiventris</i> Lund, 1840	gambá-de-orelha-branca
	<i>Lutreolina crassicaudata</i> (Desmarest, 1804)	cuíca-de-cauda-grossa
Cingulata	Dasyopodidae	
	<i>Dasyopus novemcinctus</i> Linnaeus, 1758	tatu-galinha
Primates	Cebidae	
	<i>Callithrix penicillata</i> (É. Geoffroy, 1812)	sagui, mico-estrela
Lagomorpha	Leporidae	
	<i>Lepus</i> spp. (Linnaeus, 1758)	lebre-européia
	<i>Sylvilagus brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	tapiti
Chiroptera	Phyllostomidae	
	<i>Carollia perspicillata</i> (Linnaeus, 1758)	morcego
	<i>Desmodus rotundus</i> (É. Geoffroy, 1810)	morcego vampiro
	<i>Glossophaga soricina</i> (Pallas, 1766)	morcego
	<i>Artibeus concolor</i> Peters, 1865	morcego
	<i>Artibeus lituratus</i> (Olfers, 1818)	morcego das frutas
	<i>Platyrrhinus lineatus</i> (É. Geoffroy, 1810)	morcego
	<i>Sturnira lilium</i> (É. Geoffroy, 1810)	morcego
	Molossidae	
	<i>Molossus</i> sp.	morcego
	Vespertilionidae	
	<i>Histiotus velatus</i> (I. Geoffroy, 1824)	morcego
	<i>Lasiurus</i> sp.	morcego
	<i>Myotis</i> sp.	morcego
Carnivora	Felidae	
	<i>Puma concolor</i> (Linnaeus, 1771)	onça-parda
	<i>Puma yagouaroundi</i> (É. Geoffroy, 1803)	gato-mourisco
	<i>Leopardus tigrinus</i>	gato-do-mato
	Canidae	
	<i>Cerdocyon thous</i> (Linnaeus, 1766)	cachorro-do-mato
	Mustelidae	
	<i>Galictis cuja</i> (Molina, 1782)	furão
	<i>Eira barbara</i> (Linnaeus, 1758)	irara
	Procyonidae	
	<i>Nasua nasua</i> (Linnaeus, 1766)	quati
	<i>Procyon cancrivorus</i>	mão-pelada
Artiodactyla	Cervidae	
	<i>Mazama gouazoubira</i> (G. Fischer, 1814)	veado-catingueiro

Ordem	Nome científico (por família)	Nome popular
	Suidae	
	<i>Sus scrofa</i> (Linnaeus, 1758)	javaporco
Rodentia	Cricetidae	
	<i>Oligoryzomys nigripes</i> (Olfers, 1818)	rato-do-mato
	<i>Calomys tener</i> (Winge, 1887)	rato-do-chão
	<i>Rattus rattus</i> (Linnaeus, 1758)	rato-doméstico
	Erethizontidae	
	<i>Coendou prehensilis</i> (Linnaeus, 1758)	ouriço-cacheiro
	Caviidae	
	<i>Cavia aperea</i> Erxleben, 1777	preá
	Hydrochaeridae	
	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Linnaeus, 1766)	capivara
	Myocastoridae	
	<i>Myocastor coypus</i> (Molina, 1782)	ratão-do-banhado

Aves

Ordem	Nome científico (por família)	Nome popular
Tinamiformes	Tinamidae	
	<i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827)	inhambu-chororó
Anseriformes	Anatidae	
	<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)	irerê
	<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	pato-do-mato
	<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	pé-vermelho
Ciconiiformes	Ciconiidae	
	<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)	tuiuiú
	<i>Mycteria americana</i> Linnaeus, 1758	cabeça-seca
Suliformes	Phalacrocoracidae	
	<i>Phalacrocorax brasilianus</i> (Gmelin, 1789)	biguá
	Anhingidae	
	<i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	biguatinga
Pelecaniformes	Ardeidae	
	<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	socó-boi
	<i>Nycticorax nycticorax</i> (Linnaeus, 1758)	savacu
	<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	socozinho
	<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	garça-vaqueira
	<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766	garça-moura
	<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	garça-branca-grande
	<i>Syrigma sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	maria-faceira
	<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	garça-branca-pequena
	Threskiornithidae	
	<i>Mesembrinibis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	coró-coró
	<i>Platalea ajaja</i> Linnaeus, 1758	colhereiro
Cathartiformes	Cathartidae	
	<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-de-cabeça-vermelha
	<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	urubu-de-cabeça-preta

Ordem	Nome científico (por família)	Nome popular
Accipitriformes	Accipitridae	
	<i>Leptodon cayanensis</i> (Latham, 1790)	gavião-de-cabeça-cinza
	<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	gavião-peneira
	<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	sovi
	<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham, 1790)	gavião-belo
	<i>Rostrhamus sociabilis</i> (Vieillot, 1817)	gavião-caramujeiro
	<i>Geranospiza caerulescens</i> (Vieillot, 1817)	gavião-pernilongo
	<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	gavião-carijó
	<i>Buteo brachyurus</i> Vieillot, 1816	gavião-de-cauda-curta
Gruiformes	Aramidae	
	<i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus, 1766)	carão
	Rallidae	
	<i>Aramides cajaneus</i> (Statius Muller, 1776)	saracura-três-potes
	<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)	saracura-do-mato
	<i>Porzana albicollis</i> (Vieillot, 1819)	sanã-carijó
	<i>Pardirallus nigricans</i> (Vieillot, 1819)	saracura-sanã
	<i>Gallinula galeata</i> (Lichtenstein, 1818)	frango-d'água-comum
	<i>Porphyrio martinicus</i> (Linnaeus, 1766)	frango-d'água-azul
Charadriiformes	Charadriidae	
	<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	quero-quero
	Jacaniidae	
	<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	jaçanã
Columbiformes	Columbidae	
	<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)	rolinha-roxa
	<i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831)	fogo-apagou
	<i>Columba livia</i> Gmelin, 1789	pombo-doméstico
	<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)	pombão
	<i>Zenaida auriculata</i> (Des Murs, 1847)	pomba-de-bando
	<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855	juriti-pupu
	<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	juriti-gemeleira
Cuculiformes	Cuculidae	
	<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	alma-de-gato
	<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	anu-preto
	<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)	anu-branco
	<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	saci
Strigiformes	Tytonidae	
	<i>Tyto furcata</i> (Temminck, 1827)	coruja-da-igreja
	Strigidae	
	<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)	corujinha-do-mato
	<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)	murucututu-de-barriga-amarela
	<i>Athene cucularia</i> (Molina, 1782)	coruja-buraqueira
Caprimulgiformes	Caprimulgidae	
	<i>Lurocalis semitorquatus</i> (Gmelin, 1789)	tuju
	<i>Hydropsalis albicollis</i> (Gmelin, 1789)	bacurau
	<i>Hydropsalis parvula</i> (Gould, 1837)	bacurau-chintã
	<i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789)	bacurau-tesoura

Ordem	Nome científico (por família)	Nome popular
Apodiformes	<i>Chordeiles minor</i> (Forster, 1771)	bacurau-norte-americano
	Apodidae	
	<i>Chaetura meridionalis</i> Hellmayr, 1907	andorinhão-do-temporal
	Trochilidae	
	<i>Phaethornis pretrei</i> (Lesson & Delattre, 1839)	rabo-branco-acanelado
	<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-tesoura
	<i>Florisuga fusca</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-preto
	<i>Colibri serrirostris</i> (Vieillot, 1816)	beija-flor-de-orelha-violeta
	<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	beija-flor-de-veste-preta
	<i>Chlorostilbon lucidus</i> (Shaw, 1812)	besourinho-de-bico-vermelho
Coraciiformes	<i>Amazilia lactea</i> (Lesson, 1832)	beija-flor-de-peito-azul
	Alcedinidae	
	<i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	martim-pescador-grande
	<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 1790)	martim-pescador-verde
Piciformes	<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin, 1788)	martim-pescador-pequeno
	Ramphastidae	
	<i>Ramphastos toco</i> Statius Muller, 1776	tucanuçu
	Picidae	
	<i>Picumnus cirratus</i> Temminck, 1825	pica-pau-anão-barrado
	<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)	birro, pica-pau-branco
	<i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus, 1766)	picapauzinho-anão
	<i>Veniliornis spilogaster</i> (Wagler, 1827)	picapauzinho-verde-carijó
	<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-verde-barrado
	<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)	pica-pau-do-campo
Cariamiformes	<i>Dryocopus lineatus</i> (Linnaeus, 1766)	pica-pau-de-banda-branca
	<i>Campephilus robustus</i> (Lichtenstein, 1818)	pica-pau-rei
	Cariamidae	
	<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	seriema
	Falconiformes	Falconidae
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)		caracará
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)		carrapateiro
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)		acauã
<i>Micrastur semitorquatus</i> (Vieillot, 1817)		falcão-relógio
<i>Falco sparverius</i> Linnaeus, 1758		quiriquiri
<i>Falco femoralis</i> Temminck, 1822		falcão-de-coleira
<i>Falco peregrinus</i> Tunstall, 1771		falcão-peregrino
Psittaciformes	Psittacidae	
	<i>Psittacara leucophthalmus</i> (Statius Muller, 1776)	periquitão-maracanã
	<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	tuim
	<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1818)	periquito-de-encontro-amarelo
	<i>Pionus maximiliani</i> (Kuhl, 1820)	maitaca-verde
Passeriformes	Thamnophilidae	
	<i>Dysithamnus mentalis</i> (Temminck, 1823)	choquinha-lisa
	<i>Thamnophilus doliatus</i> (Linnaeus, 1764)	choca-barrada
	<i>Thamnophilus caerulescens</i> Vieillot, 1816	choca-da-mata
	<i>Taraba major</i> (Vieillot, 1816)	choró-boi

Ordem	Nome científico (por família)	Nome popular
	<i>Mackenziaena severa</i> (Lichtenstein, 1823)	borralhara
	Conopophagidae	
	<i>Conopophaga lineata</i> (Wied, 1831)	chupa-dente
	Dendrocolaptidae	
	<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-verde
	<i>Campylorhamphus falcularius</i> (Vieillot, 1822)	arapaçu-de-bico-torto
	<i>Lepidocolaptes angustirostris</i> (Vieillot, 1818)	arapaçu-de-cerrado
	Xenopidae	
	<i>Xenops rutilans</i> Temminck, 1821	bico-virado-carijó
	Furnariidae	
	<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788)	joão-de-barro
	<i>Lochmias nematura</i> (Lichtenstein, 1823)	joão-porca
	<i>Automolus leucophthalmus</i> (Wied, 1821)	barraqueiro-de-olho-branco
	<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (Gmelin, 1788)	curutié
	<i>Synallaxis ruficapilla</i> Vieillot, 1819	pichororé
	<i>Synallaxis frontalis</i> Pelzeln, 1859	petrim
	<i>Synallaxis albescens</i> Temminck, 1823	uí-pi
	<i>Synallaxis spixi</i> Sclater, 1856	joão-teneném
	<i>Cranioleuca vulpina</i> (Pelzeln, 1856)	arredio-do-rio
	<i>Cranioleuca pallida</i> (Wied, 1831)	arredio-pálido
	Tityridae	
	<i>Pachyrhamphus viridis</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro-verde
	Platyrinchidae	
	<i>Platyrinchus mystaceus</i> Vieillot, 1818	patinho
	Rynchocyclidae	
	<i>Leptopogon amaurocephalus</i> Tschudi, 1846	cabeçudo
	<i>Tolmomyias sulphurescens</i> (Spix, 1825)	bico-chato-de-orelha-preta
	<i>Todirostrum poliocephalum</i> (Wied, 1831)	teque-teque
	<i>Todirostrum cinereum</i> (Linnaeus, 1766)	ferreirinho-relógio
	<i>Myiornis auricularis</i> (Vieillot, 1818)	miudinho
	Tyrannidae	
	<i>Hirundinea ferruginea</i> (Gmelin, 1788)	gibão-de-couro
	<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)	risadinha
	<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)	guaracava-de-barriga-amarela
	<i>Myiopagis viridicata</i> (Vieillot, 1817)	guaracava-de-crista-alaranjada
	<i>Capsiempis flaveola</i> (Lichtenstein, 1823)	marianinha-amarela
	<i>Serpophaga subcristata</i> (Vieillot, 1817)	alegrinho
	<i>Myiarchus swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859	irré
	<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	maria-cavaleira
	<i>Myiarchus tyrannulus</i> (Statius Muller, 1776)	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado
	<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	bem-te-vi
	<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)	suiriri-cavaleiro
	<i>Myiodynastes maculatus</i> (Statius Muller, 1776)	bem-te-vi-rajado
	<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	neinei
	<i>Myiozetetes similis</i> (Linnaeus, 1766)	bentevizinho-de-penacho-vermelho
	<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	suiriri

Ordem	Nome científico (por família)	Nome popular
	<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 1808	tesourinha
	<i>Empidonomus varius</i> (Vieillot, 1818)	peitica
	<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	viuvinha
	<i>Myiophobus fasciatus</i> (Statius Muller, 1776)	filipe
	<i>Pyrocephalus rubinus</i> (Boddaert, 1783)	príncipe
	<i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766)	lavadeira-mascarada
	<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	freirinha
	<i>Gubernetes yetapa</i> (Vieillot, 1818)	tesoura-do-brejo
	<i>Cnemotriccus fuscatus</i> (Wied, 1831)	guaracavuçu
	<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)	enferrujado
	<i>Xolmis cinereus</i> (Vieillot, 1816)	primavera
	Vireonidae	
	<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	pitiguari
	<i>Vireo olivaceus</i> (Linnaeus, 1766)	juruviara
	<i>Hylophilus amaurocephalus</i> Swainson, 1837	vite-vite-de-olho-cinza
	Corvidae	
	<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1823)	gralha-do-campo
	Hirundinidae	
	<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-pequena-de-casa
	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	andorinha-serradora
	<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	andorinha-do-rio
	Troglodytidae	
	<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823	corruíra
	Donacobiidae	
	<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	japacanim
	Turdidae	
	<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	sabiá-barranco
	<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818	sabiá-laranjeira
	<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850	sabiá-poca
	<i>Turdus subalaris</i> (Seebohm, 1887)	sabiá-ferreiro
	Mimidae	
	<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	sabiá-do-campo
	Motacillidae	
	<i>Anthus lutescens</i> Pucheran, 1855	caminheiro-zumbidor
	Passerellidae	
	<i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico
	<i>Ammodramus humeralis</i> (Bosc, 1792)	tico-tico-do-campo
	<i>Arremon flavirostris</i> Swainson, 1838	tico-tico-de-bico-amarelo
	Parulidae	
	<i>Setophaga pitayumi</i> (Vieillot, 1817)	mariquita
	<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	pia-cobra
	<i>Basileuterus culicivorus</i> (Deppe, 1830)	pula-pula
	<i>Myiothlypis flaveola</i> Baird, 1865	canário-do-mato
	Icteridae	
	<i>Icterus pyrrhopterus</i> (Vieillot, 1819)	encontro
	<i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819)	graúna

Ordem	Nome científico (por família)	Nome popular
	<i>Chrysomus ruficapillus</i> (Vieillot, 1819)	garibaldi
	<i>Pseudoleistes guirahuro</i> (Vieillot, 1819)	chopim-do-brejo
	<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	vira-bosta
	Thraupidae	
	<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	cambacica
	<i>Saltator similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	trinca-ferro-verdadeiro
	<i>Saltator fuliginosus</i> (Daudin, 1800)	pimentão
	<i>Nemosia pileata</i> (Boddaert, 1783)	saíra-de-chapéu-preto
	<i>Thlypopsis sordida</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	saí-canário
	<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)	tiê-preto
	<i>Ramphocelus carbo</i> (Pallas, 1764)	pipira-vermelha
	<i>Lanio cucullatus</i> (Statius Muller, 1776)	tico-tico-rei
	<i>Tangara sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	sanhaçu-cinzento
	<i>Tangara palmarum</i> (Wied, 1823)	sanhaçu-do-coqueiro
	<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-amarela
	<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	saí-andorinha
	<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	saí-azul
	<i>Hemithraupis guira</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-de-papo-preto
	<i>Conirostrum speciosum</i> (Temminck, 1824)	figuinha-de-rabo-castanho
	<i>Haplospiza unicolor</i> Cabanis, 1851	ci garra-bambu
	<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	canário-da-terra-verdadeiro
	<i>Sicalis luteola</i> (Sparman, 1789)	tipio
	<i>Emberizoides herbicola</i> (Vieillot, 1817)	canário-do-campo
	<i>Embernagra platensis</i> (Gmelin, 1789)	sabiá-do-banhado
	<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	tiziu
	<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	bigodinho
	<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1823)	coleirinho
	<i>Tiaris fuliginosus</i> (Wied, 1830)	ci garra-do-coqueiro
	Cardinalidae	
	<i>Habia rubica</i> (Vieillot, 1817)	tiê-do-mato-grosso
	<i>Cyanoloxia brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)	azulão
	Fringillidae	
	<i>Sporagra magellanica</i> (Vieillot, 1805)	pintassilgo
	<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	fim-fim
	<i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758)	gaturamo-verdadeiro
	Estrildidae	
	<i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758)	bico-de-lacre
	Passeridae	
	<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	pardal

Répteis

Ordem	Nome científico (por família)	Nome popular
Testudinata	Emydiidae	
	<i>Trachemys scripta elegans</i> (Thunberg in Schoepff, 1792)	tartaruga-de-ouvido-vermelha, tigre-d'água
	Chelidae	
	<i>Hydromedusa tectifera</i> Cope, 1869	cágado-pescoço-de-cobra
	<i>Phrynops geoffroanus</i> (Schweigger, 1812)	cágado-de-barbicha
Crocodylia	Gekkoniidae	
	<i>Hemidactylus mabouia</i> (Moreau de Jonnés, 1818)	lagartixa
	Mabuyidae	
	<i>Mabuya</i> sp.	calango
Squamata	Tropiduridae	
	<i>Tropidurus itambere</i> Rodrigues, 1987	calango
	Teiidae	
	<i>Salvator merianae</i> (Duméril & Bibron, 1839)	teíú
	Amphisbaenidae	
	<i>Amphisbaena alba</i> Linnaeus, 1758	cobra-cega
	Boiidae	
	<i>Boa constrictor</i>	jiboia
	Dipsadidae	
	<i>Philodryas</i> sp.	cobra-cipó, cobra-verde
	<i>Oxyrhopus</i> sp.	falsa-coral
	Elapidae	
	<i>Micrurus</i> sp.	coral-verdadeira
	Viperidae	
<i>Bothrops jararaca</i> (Wied, 1824)	jararaca	
<i>Crotalus durissus</i> Linnaeus, 1758	cascavel	

Anfíbios

Ordem	Nome científico (por família)	Nome popular
Anura	Bufonidae	
	<i>Rhinella schneideri</i> (Werner, 1894)	sapo-cururu
	<i>Rhinella ornata</i> (Spix, 1824)	sapo-cururuzinho
	Leiuperidae	
	<i>Physalaemus cuvieri</i> Fitzinger, 1826	rã-cachorro
	Leptodactylidae	
	<i>Leptodactylus fuscus</i> (Schneider, 1799)	rã-assobiadora
	<i>Leptodactylus labyrinthicus</i> (Spix, 1824)	rã-pimenta
	<i>Leptodactylus latrans</i> (Steffen, 1815)	rã-crioula
	Hylidae	
	<i>Hypsiboas albopunctatus</i> (Spix, 1824)	perereca-araponga
	<i>Hypsiboas faber</i> (Wied-Neuwied, 1821)	sapo-ferreiro
	<i>Dendropsophus minutus</i> (Peters, 1872)	perereca
	<i>Dendropsophus sanborni</i> (Schmidt, 1944)	perereca
	<i>Scinax fuscovarius</i> (A. Lutz, 1925)	perereca-de-banheiro
	<i>Scinax</i> sp. (aff. <i>similis</i>)	perereca

AGRADECIMENTOS

Eduardo Roberto Alexandrino
Alex Augusto Abreu Bovo
Geraldo Victorino de França Jr.
João Carlos Zecchini Gebin
Marcelo Magioli
Luciano Vasconcelos Monferrari
Alexandre Reis Percequillo
Erasmus Spadotto

CAPA & CONTRACAPA

A ‘Capivara’ de Erasmo Spadotto, essa sim, uma unanimidade, conhecida e querida dos piracicabanos. Erasmo gentilmente contribuiu na ilustração dessa cartilha.

Abaixo, Erasmo – e sua Capivara – por ele mesmo.

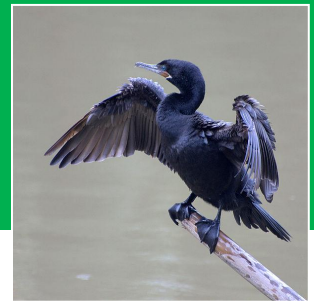
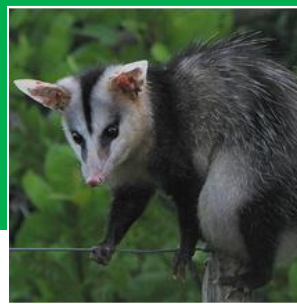
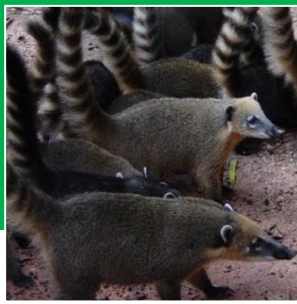
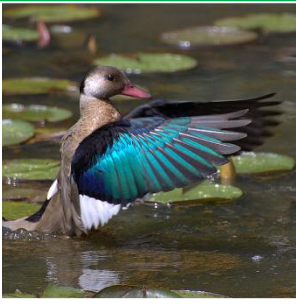
“Erasmo C. Spadotto, 46 anos, é nascido em Santa Maria da Serra, São Paulo. Trabalha como chargista há 20 anos no Jornal de Piracicaba (JP). Tem 7 prêmios em concursos pelo país. Criou a personagem ‘Capivara’, baseada no animal mesmo, bicho, por conta de um surto e mortes na cidade de Piracicaba. A tirinha circula no JP desde 2003 e, em 2013, Erasmo lançou um livro com 300 tirinhas, todas elas publicadas. A personagem tem mais de 6 mil tirinhas publicadas, já votou várias vezes, foi a várias guerras, procurou por Bin Laden, prendeu Saddam Hussein, foi a olimpíadas e copas, viu um Papa morrer e foi ao Vaticano para a escolha de dois outros e a renúncia de um deles; hoje já é cidadã piracicabana, e caloura da ESALQ.”

CONTATO

Silvio Marchini | silvio.marchini@usp.br
Katia M.P.M.B. Ferraz | katia.ferraz@usp.br

Laboratório de Ecologia, Manejo e Conservação de Fauna Silvestre (LEMaC)
Departamento de Ciências Florestais, ESALQ/UNIVERSIDADE de SÃO PAULO
Av. Pádua Dias, 1. Caixa Postal 09. Piracicaba, SP 13418-900





Bichos da ESALQ revela ao público a diversa e abundante fauna silvestre do Campus “Luiz de Queiroz”. São mais de 260 espécies de mamíferos, aves, répteis e anfíbios, das quais a capivara, o sagui, a seriema, o cágado-de-barbicha e a onça-parda são apenas alguns dos exemplos mais emblemáticos. Além de apresentar em detalhe os principais ícones da fauna silvestre do campus, com destaque para seus impactos materiais e psicológicos, esta cartilha aborda a maneira como o tema da fauna silvestre é tratado na ESALQ nos âmbitos da pesquisa, do ensino e da gestão socioambiental do campus.

Esperamos com isso reforçar o papel de liderança da ESALQ na conciliação entre biodiversidade e sistemas de produção, despertando e fortalecendo entre seus alunos o interesse pela pesquisa e ensino em ecologia, manejo e conservação da vida silvestre, e mostrando aos usuários do campus – alunos, professores, funcionários e visitantes – os caminhos para conhecer, curtir e cuidar, de forma mais segura e sustentável, desse recurso natural de inestimável valor ecológico e sociocultural que são os bichos da ESALQ.

